
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

FRONTEIRA: (RE)DESCOBRINDO A HISTÓRIA

Cristina Francisca de Carvalho Porto
(Unesp/ Rio Preto)

RESUMO: Breve discussão sobre a colaboração entre a Literatura e a História, tendo como base o romance *Fronteira* (1935), de Cornélio Penna. Tal discussão está centralizada em três tópicos: o fato histórico, como elemento da estrutura do romance, permitindo situar o tempo em que se passa a estória narrada; o romance resgatando a história da cidade mineira Itabira, retratando a época de prosperidade e decadência daqueles que exploraram as riquezas naturais da região; e, a década de 30, período político conturbado de nosso país, o que influenciou a carreira do escritor em questão, envolvido com os tumultos políticos, sofrendo assim as conseqüências desse envolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, História, Cornélio Penna..

INTRODUÇÃO

Literatura e história são dois campos que convivem em um intercâmbio contínuo, em uma mútua colaboração, e às vezes chegam a se fundir, a tal ponto que certos textos podem ser considerados ou como romance ou como documentário histórico, ou ainda, chegam a ser denominados “romance-histórico”.

O fato é que tal discussão, sobre o que é literatura e o que é história, começou há muito tempo e está longe de terminar. Muitos estudiosos discutiram e continuam a discuti-la, e assim vários termos foram criados para suprir a necessidade de denominar determinados textos: romance-histórico, história-romanceada, discurso histórico, etc. Neste texto não pretendemos dar seqüência a tal discussão, por tratar-se de uma questão muito complexa que exige um estudo amplo sobre os dois campos: Literatura e História.

O que pretendemos ilustrar é a colaboração entre ambas, ou seja, a maneira como uma obra literária colabora para reavivar a história e a história para enriquecer o romance. A obra em questão é *Fronteira*, de Cornélio Penna.

Cornélio Penna (1896-1958) nasceu em Petrópolis, Rio de Janeiro. Passou parte da infância em Itabira do Mato Dentro, Minas Gerais, região que serviu de ambiente para seus romances. Penna cursou Direito, foi jornalista e pintor; somente a partir de 1930 começa a se dedicar à elaboração de sua obra literária publicando os seguintes romances: *Fronteira*, 1935; *Dois romances de Nico Horta*, 1939; *Repouso*, 1948; e *A Menina Morta*, 1954.

Cornélio Penna focaliza a problemática do ser em sondagem extrema, e esta torna-se seu tema central: o autor envereda por tal território temático desafiando a revolução estética e mesmo lingüística tão característica da época em que surgiram produções de escritores como Jorge Amado (*Jubiabá* (1935), *Mar Morto* (1936), *Capitães de Areia* (1937)), José Lins do Rego (*Menino do Engenho* (1932), *Doidinho* (1933)), Graciliano Ramos (*São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *Vidas Secas* (1938)), entre outros.

Tendências regionalistas, no entanto, não deixam de subsistir em *Fronteira*: a trama do romance se passa em Itabira, cidade em que o autor passou sua infância. Assim, deparamo-nos com freqüentes descrições de casarões de Minas Gerais e de todo o ambiente predominante dessa região. Também certo engajamento religioso e social percorre o romance, característica da sociedade brasileira da época.

“Um romance introspectivo, psicológico, na linha interiorista de Machado de Assis e Raul Pompéia, denotando preocupações metafísicas” (PENNA, s.d., p. 7): ao retomar esta linha Cornélio Penna reinicia uma tradição que parece ter sempre contrabalançado com a tendência, na ficção brasileira, do romance social. Neste sentido, segundo Afrânio Coutinho, ele se enquadraria na segunda fase do Modernismo, desenvolvida, conforme o crítico, entre os anos 1930 e 1945 (COUTINHO, 1986, p. 44).

Associada a seu caráter intimista, a obra de Cornélio Penna não deixa de refletir um momento histórico: as personagens registram a decadência de seu tempo em confronto com o passado glorioso. Já em *Fronteira* tal constatação se torna possível pela descrição das minas de ouro abandonadas. Sua obra constitui, assim, o reflexo de um momento histórico importante para o país - a década de trinta - quando toda uma agitação política se processava, e, ainda, focaliza a existência do ser e sua condição enquanto cidadão, inserido em uma sociedade.

Fronteira não pode ser considerado um romance-histórico, pois não retrata com detalhes nenhum fato histórico, mas este romance nos fornece pistas para refletir sobre um determinado momento da história. O evento histórico não é o elemento principal deste romance, e sim o homem e seus diversos questionamentos sobre a existência, a história só existe e se concretiza em decorrência destes questionamentos.

Para discutir esta relação entre literatura e história a partir do romance *Fronteira*, escolhemos três pontos principais: 1º) o fato histórico nos permite situar o tempo em que se passa a estória narrada no diário, sendo portanto um elemento importante na estrutura do romance; 2º) o romance resgata a história da cidade mineira Itabira, retratando seu passado, a época em que em busca de ouro e minério, ali chegaram aqueles que seriam os fundadores de Itabira, e logo em seguida o romance mostra também a decadência desse período de riquezas; e 3º) o período em que Cornélio Penna publicou *Fronteira* e o seu envolvimento político influenciaram em sua carreira de escritor, assim para compreender porque um escritor tão talentoso foi tão pouco conhecido e lido, é preciso conhecer um pouco da década de 30.

O FATO HISTÓRICO COMO MARCA TEMPORAL.

Fronteira sugere a forma de diário, de um falso diário: o primeiro capítulo, intitulado “Do Diário:” aponta este tipo de escrita; no Epílogo, tal idéia é retomada. *Fronteira*, entretanto, não apresenta marcas predominantes do gênero, como data, referências temporais explícitas; estaríamos, assim, diante de um relato de gênero ambíguo, ainda que marcado pela narrativa em primeira pessoa:

E não podendo conhecer a vida de Maria Santa senão pelos papéis que me foram confiados, não pude escrever o seu romance, como desejava, e o autor ou autora do manuscrito nos dá apenas o reflexo, a projeção de Maria sobre sua alma, e colocou-se, a meu ver, sob um ponto de vista fora da realidade, e daí a transposição de todas as personagens para um plano diferente do meu, e longe de minhas intenções. (PENNA, 1958, p. 166)

Tal estrutura dificulta a identificação temporal; assim o leitor tem que ficar muito atento a possíveis pistas deixadas pelo autor, para que se possa ter uma noção do período histórico em que se desenvolve a narrativa.

Em *O Universo do romance*, Bourneuf e Ouellet (1976) apontam variantes do tempo na obra literária, uma dessas variantes é o “tempo da aventura”, no qual, segundo os autores, a história é a primeira dimensão temporal a chamar a atenção do leitor, que procura saber a época em que se situa a aventura contada; lembram que a mais simples das narrações pode, além de escolher um pequeno número de elementos da aventura contada, chegar a utilizar uma complexa armadura temporal, traduzida por antecipações, retornos e cruzamentos de ações.

Em *Fronteira* o "tempo da aventura" não é revelado pelo autor, ele nos fornece índices não precisos. Portanto, se tentarmos responder à pergunta: "em que época se situa a aventura contada?" só podemos responder que parece ter sido por volta de 1893. Do capítulo XIII ao XV aparecem breves alusões sobre um movimento ocorrido naquele ano: a Revolta da Armada, da qual participou Saldanha da Gama, Ministro da Marinha, contra o então presidente da República, Floriano Peixoto. Estas alusões, na verdade, não parecem conclusivas pois são apresentadas por meio do discurso de um personagem, o juiz, que teria visitado a casa onde o narrador teria estado. Tal visita poderia remeter a um momento bem anterior à escrita do diário:

O Juiz contava a Maria Santa a sua parte na revolta de Saldanha da Gama, e essa aventura magnífica, que contrastava com a irrisória miséria dos outros movimentos da República, transformava-se, em sua boca, numa longa e confusa parlenda. (PENNA, 1958, p. 25)

A Revolta da Armada ocorreu entre os anos de 1893 e 1895, uma rebelião empreendida por membros da marinha liderados pelo ex ministro Custódio de Melo, que também era um pretense candidato ao cargo da presidência da república. Outros líderes da revolta foram o então comandante da escola naval, Saldanha da Gama, e o almirante Eduardo Waldelkock. Saldanha da Gama esclarecia sua postura política favorável à volta da monarquia no Brasil, contando com estes fatores, entre posições monarquistas e intenções de tomada do poder presidencial, a revolta da armada passou da posição de oposição ao ataque armado direto, exigindo assim a renúncia de Floriano.

Com a adesão de Saldanha da Gama ao movimento, as forças navais a favor da renúncia de Floriano ganharam grande impulso, no entanto, em contrapartida, o governo organizou exércitos recrutando cidadãos. O movimento dos revoltosos passou a ser atacado pela artilharia e algumas unidades recuaram para o sul, unindo-se aos federalistas gaúchos na Revolta Federalista. Porém, ao fim do mandato de Floriano, a revolta da armada já se encontrava praticamente detida pelas forças do governo, mas resquícios dela perduraram até o início do mandato do presidente Prudente de Moraes. Saldanha da Gama aderiu a revolta com o seguinte manifesto, do qual aqui apresentamos apenas partes:

Aos meus concidadãos.

Avesso por princípio e por instinto a toda idéia de revolta, jamais entrei em conluio de qualquer espécie.

Hoje, porém, no doloroso momento histórico que atravessa a Pátria Brasileira, é o próprio Governo, são as mesmas circunstâncias do país que me impelem para a luta.

Aceitando esta situação, que me é imposta pelo patriotismo, reúno-me sem prévios conchavos, em pleno dia e pesando a responsabilidade que tomo, aos meus irmãos que, há um ano nas campinas do Rio Grande do Sul e há três meses na baía desta capital, pugnam valorosa mente pela libertação da Pátria Brasileira - do militarismo - do militarismo, agravado pela contubérnia do sectarismo e do mais infrene jacobinismo.

(...)

Ofereço minha vida com as de meus companheiros de luta em holocausto no altar da Pátria!

O exército, que se está batendo com a sua proverbial bravura, não pode mais persistir na defesa de um governo que perdeu o apoio moral da nação e o crédito no estrangeiro. A sua obstinação nesse papel inglório, ainda quando bem sucedida, acabaria por transformá-lo de força nacional que é numa hoste pretoriana de baixa república.

(...)

O Brasil, cujo passado é curto, mas honroso, tem grande futuro diante de si, só poderá, porém, cumpri-lo arrancando-se de um despotismo que o degrada diante de si mesmo e do mundo civilizado.

Mostrai que não somos um povo conquistado, mas um povo livre e cõnscio dos seus destinos.

Eis a situação!

Espero poder cumprir o meu dever de brasileiro até ao sacrifício.

Assinado: Almirante Saldanha da Gama

(www.memoriapaquetaense.hpg.ig.com.br/revolta.htm)

A Revolta da Armada foi derrotada pelas tropas do governo em 11 de março de 1894. Vejamos ainda como Cornélio Penna alude em *Fronteira* a esta adesão de Saldanha da Gama ao movimento.

Saldanha da Gama, até o dia 15 de junho, dia da revolta, nada resolvera, e não se sabia se seria ele o chefe.

E eu acompanhava, vendo-a dentro de mim, a série interminável de visitas a uns e a outros, as conversações e as hesitações, o percurso das ruas, os comentários, tudo por tal forma, que via com real nitidez aqueles homens graves, um pouco ridículos, de calças brancas, sobrecasaca, colarinho alto de borracha, e cartola

de seda, a andar solenemente pela cidade, transpirando lamentavelmente.

Mas, era em junho? E estamos em outubro...

Decerto não estariam tão suados, nem usariam colarinhos de borracha, refleti, rindo silenciosamente.

(Saldanha da Gama, Ministro da Marinha, rompera com Floriano Peixoto, ditador).

Os conspiradores procuraram o almirante, e o intimaram a assumir a chefia do movimento que se preparava surdamente contra a sombria prepotência do marechal. (PENNA, 1958, p. 29)

Apesar de citar uma data específica “15 de junho” que parece esclarecedora a respeito da revolta, o autor, mais adiante, desloca-a do tempo da narrativa colocando em dúvida tal marcação: “Mas, era em junho? E estamos em outubro”... Tudo é impreciso neste romance, nada é cronologicamente ordenado.

A ausência de datação precisa sugere a temporalidade subjetiva, o sujeito do discurso registra índices temporais lingüísticos como “outro dia”, “algum tempo”, “depois”, que não marcam o tempo cronológico, porém um estado temporal, a memória em busca dos fatos, e levam o leitor a questionar cada vez mais o tempo da história. Observe-se a passagem: “Outro dia nossos olhos se encontraram, quando nos achávamos em uma das salas internas.” (Ibidem, p. 51)

No discurso de Cornélio Penna, as marcas da temporalidade remetem também ao emprego de, principalmente, três tempos verbais referentes ao passado: pretérito imperfeito, pretérito perfeito e pretérito mais-que-perfeito. Segundo Genette (1979), a narração no passado pode, de alguma forma, fragmentar-se, para inserir-se entre os diversos momentos da história como uma espécie de reportagem mais ou menos imediata, prática corrente, segundo ele, da correspondência e do diário íntimo. De acordo com Genette a narração se caracteriza, do ponto de vista da posição temporal, em quatro tipos: “*ulterior* (posição clássica da narrativa no passado, a mais freqüente), *anterior* (narrativa predictiva, geralmente no futuro, mas que não proíbe que seja conduzida no presente), *simultânea* (narrativa no presente) e *intercalada* (entre os momentos da ação)” (GENETTE, 1979, p. 219).

Em *Fronteira*, o tipo de narração predominante é a *ulterior*; pois, ainda segundo Genette, “o emprego de um tempo no pretérito basta para a designar como tal, sem por isso indicar a distância temporal que separa o momento da narração do da história” (Ibidem, p. 219).

Em meio a tanta imprecisão o fato histórico dá ao romance um pouco de objetividade; apesar do intimismo e dos subentendidos, tal elemento vem nos dar um fôlego entre reflexões, porquês e dúvidas. A única certeza fornecida é que o acontecimento narrado no diário teria se passado no ano de 1893, quando do início da revolta.

Como vemos o fato histórico é o único elemento preciso a nos dar uma pista sobre a época em se passou a história narrada no diário. A história de Maria Santa, jovem pressionada pela Tia, que queria impor a sobrinha, a santidade a ser reverenciada por todos os moradores da cidade. Fazendo com que “a santa” se sujeitasse a todas as suas mentiras, a Tia chega ao ponto de levar a sobrinha a morte, o que é visto por Maria como único meio de libertação.

RESGATANDO A HISTÓRIA DE ITABIRA.

Para entender como Cornélio Penna resgata uma parte da história desta cidade, vamos inicialmente lembrar alguns fatos do surgimento de Itabira e conhecer um pouco desta cidade.

Com a chegada dos bandeirantes à região, atraídos pelo ouro de aluvião encontrado nos córregos da Penha e de Santana, 1720 se tornou o ano oficial de constituição do povoado de Itabira. O povoado pouco progrediu nesta fase, pois o ouro era pouco. Devido exigência da Coroa portuguesa, o minério de Ferro manteve seu aproveitamento restrito a confecção de instrumentos para uso doméstico. No final do século XVIII, o ouro agregado ao ferro dos picos de Conceição, Itabira e Santana, são explorados por pequenas companhias de mineradores, utilizando-se de mão de obra escrava. Este 2º ciclo do ouro estende-se até meados do século XIX. Na segunda metade do século XIX começa o declínio na produção do ouro e na exploração do ferro, devido à abolição da escravatura.

Atualmente Itabira é conhecida como a Capital da Poesia, pois em 1902 aí nasceu o poeta Carlos Drummond de Andrade.

Cornélio Penna passou parte de sua infância em Itabira, Minas Gerais, assim, talvez para resgatar também suas lembranças de menino, use esta cidade como ambiente para seus romances.

Notamos que em *Fronteira* o narrador percorre vários pontos da cidade, revelando ao leitor a tradição, a história daquele lugar; seu olhar traça minuciosamente as antigas construções, a igreja, as ruas, as montanhas.

Situado no fim da ladeira, o casarão onde mora a personagem Maria Santa, de portas e janelas sempre fechadas, contrasta com a descrição das casas, em certo sentido humanizadas pelo narrador que se detém nas fachadas, analisando-lhes o mistério:

Pelas ruas, voltava a cabeça de repente, de um lado para outro, e para trás, com um arrepio, para surpreender o pobre mistério daquelas casas tão claras na aparência, com suas fachadas silenciosas, pintadas de branco e de oca, algumas divertidas, com o telhado pôsto de través, como um chapéu de um ébrio, outras sombrias, patibulares, com a boca enorme e desdentada caída nos cantos, e outras ainda, a espiar, meio escondidas, com um olho tímido, atrás das vizinhas gordas e acachapadas. (PENNA, 1958, p. 78)

Esta descrição mostra construções que, de tão antigas, enraizadas, chegam a ter vida própria. O autor cita ainda as montanhas características da região, lembrando também dos primeiros habitantes que ali chegaram para dar início ao povoado, trazendo consigo os sonhos de riqueza.

As montanhas correm agora, lá fora, umas atrás das outras, hostis e espectrais, desertas de vontades novas que as humanizem, esquecidas já dos antigos homens lendários que as povoaram e dominaram.

Carregam nos seus dorsos poderosos as pequenas cidades decadentes, como uma doença aviltante e tenaz, que se aninhou para sempre em suas dobras. Não podendo mata-las de todo ou arranca-las de si e vencer, elas resignam-se e as ocultam com sua vegetação escura e densa, que lhes serve de cobertura, e resguardam o seu sonho imperial de ferro e ouro. (Ibidem, p. 16)

Neste trecho fica bem evidente a decadência da especulação do ouro; não tendo mais o que tirar, os homens partiram deixando as montanhas desertas, abandonaram o sonho, e ali mesmo ficaram para formar entre as montanhas as pequenas vilas. Ainda em outro trecho, o narrador aludindo a Maria, lembra das ambições dos homens e das ilusões de suas mulheres, na aventura desta busca pela riqueza.

Mas o seu olhar verde, inconfundível, impressionante, iluminava com sua luz misteriosa as sombrias arcadas superciliares, que pareciam queimadas por ela, dizia logo a sua origem cruzada e decantada através das misérias e dos orgulhos de homens de aventura, contadores de histórias fantásticas, e de mulheres caladas e sofredoras, que acompanhavam os maridos e amantes através das matas intermináveis, expostas às febres, às feras, às

cobras do sertão indecifrável, ameaçador e sem fim, que elas percorriam com a ambição única de um “pouso” onde pudessem viver, por alguns dias, a vida ilusória de família e de lar, sempre no encaço dos homens, enfebrados pela procura do ouro e do diamante.

Toda a cidade, na sua longa decadência de oitenta anos, oito séculos na América jovem, não era mais que um desses “pousos” alcantilados nos cerros de pedra de ferro, enormes e maciços pára-raios. (Ibidem, p. 38)

Novamente ele cita a decadência da terra, mas lembra também aquelas mulheres que queriam um “pouso”, um lugar para constituir suas famílias; talvez, devido à vontade delas de ter um lugar fixo, a atual cidade de Itabira tenha sido fundada.

Com a produção do ouro em declínio e a siderurgia abalada pela abolição da escravatura, a cidade de Itabira iniciou o desenvolvimento de uma economia mais voltada para o consumo interno e de abastecimento regional. Após a abolição, inúmeros fazendeiros abandonaram a lavoura preferindo dedicar-se à pecuária; estas alternativas permitiram o crescimento da cidade que nunca deixou de valorizar suas tradições, sua história, tornando-se atualmente um centro turístico com muitos atrativos.

Outra passagem do romance sugere serem as lembranças reais do autor, que realmente viveu em Itabira, mescladas às lembranças do narrador do diário. Nesta passagem sentimos de forma mais intensa a presença do autor devido à precisão dos detalhes de sua descrição, reafirmando assim, sua incessante busca pelo passado, pelo resgate de sua própria infância.

E faziam surgir a meus olhos, na vigília fascinada que ali me retinha, paisagens rápidas, de paz e de esquecimento, que alternavam com a visão real, mas fantasmagórica, do grande pátio de pedras lívidas, lavadas pelas enxurradas espumantes com seus pesados telhados, a correr em mil goteiras, suas janelas pálidas, e a multidão negra e embuçada, que os relâmpagos faziam surgir bruscamente das trevas, e que depois recuava, para desaparecer de novo atrás dos vidros embaciados, e com ela o ribombo dos trovões, que se perdia do outro lado das montanhas, sem ousar ultrapassa-las. (Ibidem, p. 115)

No trecho seguinte temos a confirmação de Cornélio Penna, de que realmente esteve em Minas Gerais e que realmente existiu uma Maria Santa, da qual ele tomou conhecimento por meio de um diário que chegou até suas

mãos. Talvez o autor tenha dito isto apenas para dar maior objetividade ao romance, para aproximá-lo mais da realidade, sendo seu objetivo colocar no papel as imagens apreendidas por seu olhar nas viagens que fez a Minas Gerais.

Hesitei um pouco em dar a este capítulo o título de epílogo. Aqui terminou o diário que transcrevi integralmente, e resisti ao desejo de corrigi-lo, de atenuar a sua introspecção mórbida, e tornar Maria Santa a principal personagem do livro. Porque eu conheci Maria Santa em um só gesto de uma velha parenta minha, em cuja casa permaneci algum tempo, quando de minha viagem ao fundo dessa maravilhosa Minas Gerais, e, se ele me satisfez, não seria decerto do agrado daqueles que, como eu, acham que um romance deve basear-se na “estricta observação de fatos reais” como se dizia antigamente. (Ibidem, p. 165)

Esta última colocação do autor reafirma o caráter verossímil de sua obra, que desde seu início vem se desenvolvendo. Ele procurou em todo o romance registrar, por meio da voz do narrador, a visão das minas abandonadas e das cidades decadentes, as imagens da pobreza e da estagnação.

Esta vontade de resgatar o passado da cidade mineira se reafirma em uma confissão do próprio autor, em uma entrevista a Ledo Ivo, quando conta como nasceu seu primeiro romance *Fronteira*: uma confissão ou um desabafo de sua compreensão de Itabira, cidade em que morava sua avó paterna.

Mas a vida da cidade, o espírito belo e sombrio de seus habitantes, as histórias de impressionante força de caráter, de invencível coragem no drama que tudo lá representa, tinham ficado gravadas em meu cérebro e em meu coração de tal forma, toda minha vida, que só pude me libertar de sua obsessão escrevendo. (LEDO IVO, 1958, p. LXI)

Nesta mesma entrevista Cornélio Penna, talvez com o intuito de evitar a idéia de que *Fronteira* fosse a história de sua própria vida e não a do povo de Itabira, fala de sua aversão àqueles curiosos que insistem em conhecer um autor, não por seus livros, mas por revelações acerca de sua vida interior.

Ao ler *Fronteira* pela primeira vez temos a impressão de não se tratar de romance, de não haver verdadeiramente uma história por trás das palavras; uma leitura mais atenta faz-nos deparar não com uma história, mas com várias; é a história de Maria Santa, as reflexões e angústias do narrador, o passado de Itabira, e podemos descobrir aí até mesmo a história do próprio Cornélio Penna, ainda que ele próprio renegue tal fato.

CORNÉLIO PENNA E A DÉCADA DE 30.

Todos aqueles que se deparam com obra de Cornélio Penna, sempre questionam este desconhecimento geral em relação ao escritor; apesar de seu estilo renovador e audacioso trata-se de um escritor pouco lido, e, atualmente praticamente esquecido. Buscando entender o porquê de tal esquecimento, e de sua obra ter ficado um tanto abafada na Literatura Brasileira, procuramos alguns textos que debatiam a mesma questão. A crítica, de modo geral, aponta razões para tal esquecimento:

Em 1976, no texto com que a editora apresentava o livro de Luiz Costa Lima sobre Cornélio Penna, o romancista aparecia descrito como "escritor da maior importância até hoje condenado a dormir nas estantes da memória nacional para daí ser retirado nos aniversários de morte e outras efemérides". Passados 20 anos, essa condenação não se atenuou. Ainda muito esquecido, nem nas efemérides seu nome tem sido lembrado – nem neste ano, em que se completa o centenário de seu nascimento (1896-1958). Sua obra, à exceção do primeiro romance, *Fronteira* (Ediouro), não tem sido reeditada. (BUENO, 1996, p. 5)

Bueno aponta como principal causa desse esquecimento, motivo que prejudicou o prestígio literário de Cornélio Penna, o fato de o escritor ter feito sua estréia literária na década de trinta, época de domínio do romance social de corte regionalista. Lembra, também, que ser identificado como católico, numa época em que, nos meios intelectuais brasileiros, não era rara a confusão entre "catolicismo" e "carolismo", talvez tenha agravado a situação de Cornélio Penna.

É válido lembrar também que a década de 30 foi um período político conturbado; conforme Carone (1991) com a crise de 1929 e a revolução de 1930, a sociedade brasileira se transformou, e a radicalização social tornou-se característica do momento. Enquanto na década de 20 a classe operária e classe média se consolidam e procuram novos objetivos, nas posteriores elas tentam alcançar o poder através da força.

Tal período de nossa história teve como fato mais marcante a Revolução de 30. Esta teve início devido a vários fatores: primeiro, a emergência de uma classe média, a do tenentismo e a do movimento operário, todos insatisfeitos com a República Velha. De outro lado, os demais Estados da Federação estavam insatisfeitos com a exclusão imposta por São Paulo e Minas. Havia ainda, os outros setores econômicos - charqueadores,

produtores de açúcar, de cacau, de borracha, de arroz, os industriais, etc - não viam com bons olhos a política de priorização do café.

Mesmo os membros da situação, que por anos estiveram coesos, começaram a desentender-se desde o início da década, culminando no racha das oligarquias para a sucessão de 30. De um lado, na Aliança Liberal, Getúlio Vargas; do outro, na Concentração Conservadora, Júlio Prestes, que foi eleito.

Para agravar ainda mais a crise, João Pessoa, governador da Paraíba, foi assassinado em 26 de julho. João Pessoa figurava como candidato à Vice-presidência, juntamente com Getúlio Vargas, o que fez com que sua morte provocasse uma comoção nacional. Estava aí o pretexto para a explosão da Revolução, que teve seu começo no dia 5 de outubro de 1930, quando Osvaldo Aranha e Flores da Cunha iniciam o movimento tomando o Quartel-general de Porto Alegre, e, ao mesmo tempo também iniciava-se a revolução em Minas Gerais e na Paraíba.

Iniciando o motim no Recife, Juarez Távora pôs em fuga o governador de Pernambuco, Estácio Coimbra. Em seguida o Norte e o Nordeste do país estavam também em poder dos revolucionários; seguro da vitória da revolução naquelas regiões, Juarez Távora seguiu em direção à região Sudeste atravessando Alagoas, Sergipe e atingindo a Bahia.

No Sul, as forças revolucionárias comandadas por Getúlio Vargas, depois de enfrentar pequena resistência no Rio Grande do Sul, encaminharam-se em direção a Santa Catarina e Paraná. Quando se preparavam para atacar Itararé, um grupo de generais e almirantes sediados no Rio decidiu atuar, depondo o Presidente Washington Luís.

Com isso formou-se então uma Junta Pacificadora composta pelo general Mena Barreto, general Tasso Fragoso e almirante Isaías Noronha. Sem resistência admitiu-se a liderança de Getúlio Vargas, que, chegando ao Rio em 3 de novembro de 1930, assumiu o governo da República como delegado da Revolução, em nome do Exército, da Marinha e do "Povo", por quem eles se julgavam legitimados, tendo-se, assim a vitória do movimento.

Cornélio Penna nesta época tinha amizade com um grupo de escritores católicos, entre eles Tristão de Athayde, Lúcio Cardoso e Otávio de Faria. Estes não eram bem vistos politicamente, e, talvez isto tenha dificultado a ascensão de Cornélio Penna enquanto escritor, conforme afirma Roberto Schwarz:

Roberto Schwarz apontou certa vez que, nos anos 60, a despeito de estarmos numa ditadura de direita, o pensamento de esquerda dominou a intelectualidade brasileira. Coincidiu com esse período o início do esquecimento da obra de Cornélio Penna: ainda em 1958 ela era considerada suficientemente relevante para

merecer uma edição integral pela Aguilar. É certo que contribuiu muito para esse esquecimento o fato de o autor de *Fronteira* ter sido católico e próximo a artistas de ligação histórica com o pensamento político mais reacionário (bastaria lembrar o Otávio de Faria dos anos 30 e 40). (BUENO, 1998, p. 6)

Ainda sobre a mesma questão é interessante lembrar um fato narrado por Lima (1991) em seu livro *Pensando nos trópicos*. Ele comenta que certa vez tomou conhecimento de que um artigo dele sobre Cornélio Penna não havia sido publicado, ou seja, foi censurado, era a sina do escritor passando para aqueles que tentavam recuperar sua memória.

Outro crítico a discutir esta questão do envolvimento político de Cornélio Penna, é Adonias Filho, sua perspectiva é mais estrutural do que histórica, ele sugere uma outra visão da colaboração entre as áreas – Literatura e História – colocando a mensagem como laço entre ambas.

Para Adonias a "linguagem" tem uma posição dominante na obra e à sombra dela se fundem ficcionista e escritor que se completam na homogeneidade desta. Outro fator considerado por ele de extrema importância é a "mensagem".

Pode-se assegurar que, em obra novelística como a de Cornélio Penna, não será difícil o reconhecimento crítico da mensagem. Inteira, como acabamos de verificar, - no processo técnico de construção, na problemática especulativa, na linguagem como um elemento clássico, - projeta-se na mensagem como em um campo aberto. Na mensagem, e porque estabelece as relações entre a obra novelística, seu momento histórico e a literatura brasileira, é que se deve buscar a própria significação dos romances. (ADONIAS FILHO, 1958, p. XV-VI)

A estas palavras seguem-se seis capítulos. O primeiro trata do envolvimento, em termos político e social, do escritor com sua época, ressaltando sua participação ativa na História. Cornélio Penna fez parte de uma geração revolucionária, herdeira das consequências da primeira guerra mundial, e que se dividiu em três círculos: político, militar, intelectual, cujo objetivo comum foi a reforma nacional. Apesar de se abrir em aspectos distintos, trata-se de um único movimento, cujo traço é o nativismo. Os círculos político e militar serão os responsáveis pela série de movimentos armados, que se iniciam em 1922 e atingem seu auge com a revolução de 1930. No círculo intelectual, haverá a "revolução modernista" que prosseguiu até 1930.

Após a vitória das duas revoluções, em 1930, inicia-se o que Adonias Filho designa "a fase construtiva" da arte: "É a partir desse ano, ao lado da reforma da organização política, que as conseqüências modernistas se convertem em experiências literárias e plásticas assegurando nova configuração à poesia, à ficção em prosa, à arquitetura, à escultura, e à pintura". (Ibidem, p. XIX)

Cornélio Penna participa das duas fases, a anterior e a posterior a 1930, atuando plenamente e servindo-se de seu trabalho para condenar o conformismo das gerações anteriores.

O crítico aponta, agora, um fator que justifique talvez a importância de Cornélio Penna para a literatura brasileira. Ele salienta que, enquanto todos os seus companheiros de geração literária ampliavam o documentário (sobretudo no círculo nordestino) e o realismo psicológico (sobretudo no círculo sulista), Cornélio Penna seguia por um caminho diferente: "É a partir de *Fronteira* que a renovação se inicia. O romancista, desprezando a revolução lingüística – e na linguagem estabelecendo o contato com o "romance superado" – ingressa no território temático para enriquecê-lo com um novo afluente." (Ibidem, p. XXI)

Adonias Filho narra o que o próprio Cornélio Penna lhe contara sobre a criação de seus romances. Cada um deles vivia sempre dentro dele, guardado. Cornélio Penna ouvia as histórias de Itabira, de Pindamonhangaba e das fazendas de seus avós e tios, e guardava todas elas; depois, aqueles episódios aparentemente desconexos eram ligados por meio de um fio inventado. Foi por não achar quem escrevesse suas histórias que Cornélio Penna teria resolvido tentar escrever.

Cumprindo assim sua função de escritor, resgatou e eternizou a história de uma região, por meio da escrita transformou em romance suas experiências e de toda uma sociedade mineira:

Recuperar as imagens de leitura e de leitores, buscar traços e gestos esquecidos, marcas perdidas, significa reconstituir as representações dessa sociedade no seu acesso à cultura escrita. Como imagens de uma época, atravessam os textos, transformando-os; atravessados por elas, os textos se transformam, reconstituindo contrastes e significações. Assim configura-las significa considera-las historicamente como situações em que os indivíduos são atores e não entidades abstratas e hierarquizadas por estruturas e posições, e, por isso, representam a si mesmos, seus valores, conflitos e aspirações. (MOYSÉS, 1998, p. 94)

Assim se define o ato desse escritor, Cornélio Penna, transformou todo um povo em atores de sua história, da história deles, da nossa história. Ainda que o fato histórico não seja aqui o elemento principal do romance, nem por isso foi menos importante do que todos os demais elementos que juntos compõem um romance. Ainda mais quando o escritor sabe valorizar todos estes elementos na mesma medida e uni-los de forma harmoniosa.

LITERATURA E HISTÓRIA: UMA COOPERAÇÃO .

Segundo Guyon (1975) quando o fato histórico não é o tema central de um romance o autor pode optar por focalizar a visão de três tipos de personagens: o grande homem, o homem médio e o marginal.

No caso de *Fronteira*, temos o homem médio, ou seja, um homem comum que vive suas aventuras e, para narra-las uso como pano de fundo determinado período histórico. O fato histórico aqui apenas colabora para ilustrar a história individual de um determinado homem. Na maioria das vezes o fato histórico traz consigo toda uma história de luta, de busca de um povo, portanto, neste caso como o próprio autor confirma, a sociedade mineira é resgatada por meio das descrições de seus casarões, do nascimento de suas cidades, da exploração de sua terra, etc.

A colaboração literatura / história vai, ainda, muito além da mera utilização de fatos, adentra o campo lingüístico, pois de acordo com Hutcheon (1991), ambas são construtos lingüísticos e parecem igualmente paratextuais. As duas áreas se utilizam de técnicas narrativas em suas produções textuais. Nossa interpretação é usada para complementa-las e para a história apresentar um relato do que realmente ocorreu ela depende de convenções de narrativa, linguagem e ideologia. Conforme Hutcheon história e ficção são formas narrativas que servem como ponte entre os leitores e o mundo, na tentativa de se constituir um sentido para o que é narrado.

Tal sentido é o que busca o leitor de Cornélio Penna, em *Fronteira*, que só é permitido pelas pistas dadas pelo autor, ancoradas no espaço, Itabira, e no fato histórico, como localização temporal.

Tais recursos, talvez se justifiquem pela época, em que o romance foi publicado, marcada pela predominância do Modernismo, era comum inserir nos romances fatos que resgatassem a realidade das sociedades menos privilegiadas, mas Cornélio Penna não se entregou totalmente a este estilo, ele ousou, buscou novas técnicas, novas visões.

Apesar de inovar, não aderindo ao estilo predominante do Modernismo, é possível encontrar marcas deste movimento em sua obra; o aspecto social, o regionalismo, o documentário, mas a característica maior de seus romances é a introspecção, o aprofundamento na alma humana, no

drama dos seres, em seus questionamentos sobre a existência. Ao adentrar neste campo da sondagem humana, Cornélio Penna inicia a linha intimista.

Este estudo permitiu-nos um contato mais íntimo com o escritor Cornélio Penna, revelando-nos sua habilidade e técnica, que ao leitor mais ávido de ação possivelmente nada acrescentaria: a força da obra corneliana está, justamente, na reflexão sobre a condição humana, sobre a angústia do ser aprisionado pela pressão social e moral.

A história de sua época, as dificuldades do período entre as duas grandes guerras; o ambiente em que viveu, uma Minas Gerais, com fazendas e casarões decadentes, devido à crise econômica que tomava conta de todo o país, também permeiam seus escritos. A obra de Cornélio Penna é um bom exemplo da harmoniosa cooperação entre duas áreas, que apesar de serem consideradas distintas, cooperam entre si fornecendo, para ambas, elementos enriquecedores. Todos estes aspectos confirmam o caráter renovador do estilo e da temática das obras de Cornélio Penna e sua importância para o conjunto de produções que formam a Literatura Brasileira.

Referências Bibliográficas

A REVOLTA DA ARMADA. Manifesto de Saldanha da Gama. Disponível em: <<http://www.memoriapaquetaense.hpg.ig.com.br/revolta.htm>> Acesso em: 03 de maio 2004.

ADONIAS FILHO. Introdução geral – os romances da humildade. In: PENNA, C. *Romances completos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958. p. 13-46.

BORNEUF, R. & OUELLET, R. *O universo do romance*. Trad. José Carlos S. Pereira. Coimbra: Almedina, 1976.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1972.

BUENO, L. A intensidade do pecado. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 dez.1996. Mais!, p. 5.

_____. Um desbravador original. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 29 dez. 1998. Mais!, p. 6.

CARONE, E. *Brasil: anos de crise (1930-1945)*. São Paulo: Ática, 1991.

COUTINHO, A. *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro/Niterói: José Olympio, UFF, 1986.

GENETTE, G. *Discurso da narrativa*. Trad. F. C. Martins. Lisboa: Arcádia, 1979.

GUYON, B. Qu'est-ce que le roman historique? In: *Revue d'Histoire Littéraire de la France*. 75^e année, n. 2-3 mars-juin, Paris, 1975. p. 195-232.

HUTCHEON, L. Metaficção Historiográfica: O Passatempo do Tempo Passado. In: *Poética do Pós-Modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991. p. 141-162.

ITABIRA – CAPITAL DA POESIA. A história da cidade. Disponível em:
<<http://www.turismoemitabira.com.br>> Acesso em: 17 de maio 2004.

LEDO IVO. A vida misteriosa de Cornélio Penna. In: PENNA, C. *Romances completos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958. p. 56-68.

LIMA, L. C. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MOYSÉS, S. M. A. Literatura e História: imagens de leitura e de leitores no Brasil no século XIX. In: *Discurso Histórico e narrativa Literária*. Jacques Leenhardt e Sandra Jatahi Pesavento (orgs). Campinas: Editora da UNICAMP, 1998. p. 93-106.

PENNA, C. *Fronteira*. In: _____. *Romances completos*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1958.

_____. *Fronteira*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

REVOLUÇÃO DE 30. Disponível em:
<<http://www.elogica.br.inter.net/crdubeux/h30.html>> Acesso em 03 de maio 2004.